



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO: PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO**

REJANE SEVERO MARTINS

**EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE EDUCADORAS DO CAMPO: A
CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NO ACAMPAMENTO
HERDEIROS DA TERRA**

**LARANJEIRAS DO SUL
2017**

REJANE SEVERO MARTINS

**EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE EDUCADORAS
DO CAMPO: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NO
ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação do Campo apresentado à Universidade Federal Fronteira Sul – UFFS/*Campus* Laranjeiras do Sul, como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação do Campo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Siomara Aparecida Marques

**LARANJEIRAS DO SUL
2017**

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Martins, Rejane Severo
Experiências e Vivências de Educadoras do Campo: A
Constituição da Identidade da Mulher no Acampamento
Herdeiros a Terra/ Rejane Severo Martins. -- 2017.
29 f.:il.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Siomara Aparecida Marques.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Especialização em Educação do Campo , Laranjeiras do
Sul, PR, 2017.

1. Identidade da mulher educadora do acampamento
Herdeiros da terra de 1º de Maio;. 2. Questão do
gênero;. 3. Educação do Campo;. I. Marques, Prof^ª. Dr^ª.
Siomara Aparecida, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

REJANE SEVERO MARTINS

TÍTULO: “Experiências e Vivências de Educadoras do Campo: a constituição da Identidade da Mulher no Acampamento Herdeiros da Terra”.

Monografia apresentada ao Curso de **Especialização em Educação do Campo** da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS para obtenção do título de Especialista em Educação do Campo, defendido em banca examinadora em 30/10/2017

Presidente da Banca: Prof^ª. Dr^ª. Siomara Aparecida Marques

Aprovado em: 30 / 10 / 2017

BANCA EXAMINADORA


Prof^ª. Dr^ª. Siomara Aparecida Marques (UFFS)


Prof^ª. Ma. Nádia Teresinha da Mota Franco (UFFS)


Prof^ª. Ma. Luizangela Padilha Pontarolo (UFFS)

Laranjeiras do Sul/PR, outubro de 2017

RESUMO

A partir das experiências e vivências da mulher educadora e militante do Acampamento Herdeiros da terra de 1º de Maio, em Rio Bonito do Iguazu, PR, identificar os conceitos formulados sobre gênero e identidade, bem como sua participação no processo de educação, formações e militância do acampamento. Perceber que através do seu trabalho ela constrói sua história na coletividade e na organização social, portanto, criando novas identidades. A questão sobre gênero e militância no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) também são fundamentais para a construção de uma nova consciência. A educação do campo tem papel importante na luta pela terra e pela Reforma Agrária. E o contexto desta história é a precariedade de um acampamento na Escola Itinerante Herdeiros do saber, demonstrando uma posição contrária ao sistema capitalista, porém buscando novas formas de educar e se educar e emancipar.

Palavras-chave: Identidade. Gênero. Educação do Campo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
1.1 Objetivo Geral	11
1.2 Objetivos Específicos	11
1.3 Metodologia	12
2. PRINCIPAIS CONCEITOS UTILIZADOS NESTE ESTUDO	14
2.1 O conceito de gênero	14
2.2 Alguns apontamentos sobre o conceito de identidade	16
2.3 Com se pode definir o conceito de Educação do Campo	17
3 COMPREENDENDO OS PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHER “ACAMPADA” E “EDUCADORA”	19
3.1 O Movimento e o perfil das entrevistadas	19
3.2 A organização do Acampamento como aprendizado para a igualdade de gênero	22
3.3 A mulher “educadora”	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevistas	29
APÊNDICE 2 – Fotos Acampamento e Escola	30

1. INTRODUÇÃO

A partir da minha experiência como professora educadora na Escola Itinerante Herdeiros do Saber, localizada no Acampamento do MST, Herdeiros da Terra de 1º de Maio, no decorrer do ano de 2016 e pelas passagens em várias escolas dos Assentamentos localizados em Rio Bonito do Iguazu, PR, pude ter contato com mulheres militantes e educadoras que buscam na educação o alicerce para construção de uma nova sociedade, novas formas de relacionamentos através de uma nova proposta de educação que se contrapõe aos modelos propostos pela Educação Básica do Paraná, despertou em mim uma grande admiração e respeito pelo trabalho de mulheres que lutam com todas as forças, coragem e perseverança, sendo elas mães, esposas, militantes e educadoras, descreverem a partir de relatos e experiências, o que caracteriza a sua identidade, que desperta a luta por seu espaço sendo mais que gênero biológico, mas um gênero socialmente construído por sua história.

Pensar nas lutas diárias que as mulheres enfrentam em espaços de luta e na inserção nos movimentos sociais, seus enfrentamentos e desafios em uma sociedade ainda marcada pelo sistema patriarcal, discriminatório e explorador, é a base para entender a identidade e a militância que as mulheres do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio e educadoras da Escola Herdeiros do Saber colocam em prática todos os dias.

Entender o percurso que essas mulheres trilharam e sua participação na história presente, seu lugar na luta pela terra, sua opção pelos movimentos sociais, e o entrelaçamento com a Educação do Campo demonstra coragem e força. Ao assumirem seu lugar criam uma identidade que se contradiz, como diz Ademar Bogo (2010): a questão da identidade está primeiramente ligada à categoria dialética “unidade e luta dos contrários”, ação consciente do ser humano através do trabalho ou de outra atividade cultural, como a arte, a educação e a pesquisa que nos permite passar de seres biológicos para seres sociais, (BOGO, 2010, p.27) está presente na luta de classes, na luta social, e na luta de gênero.

Lugar que talvez nem ela tenha escolhido, mas aceitou o desafio, essa pesquisa vem de encontro com essa identidade referente aos trabalhos que a mulher militante, acampada, educadora realiza dentro de cada espaço e

principalmente na escola. A importância que o papel da mulher assume em um movimento não pode passar despercebida aos nossos olhares atentos aos acontecimentos que envolvem esse universo.

A presença das mulheres nas lutas populares especificamente nos movimentos sociais e sua atuação como militante do MST no acampamento Herdeiros da Terra e que atuam na contínua luta pela Reforma Agrária, além da luta de classe, há também a luta de gênero em defesa da vida e por uma sociedade mais justa e que valorize uma educação popular apoiando-se nas propostas de Paulo Freire. Neste contexto é que a qualificação das mulheres se destaca, sua atuação como sujeito participante de todos os processos educativos e outros setores com cuidado da vida e da natureza, é o presente afetivo de sua colaboração, conscientização e constante diálogo.

Sob o ponto de vista das mulheres que fazem parte do MST no Acampamento Herdeiros da Terra e que atuam na educação do campo, pretende-se com este estudo apresentar a luta, a coragem e a persistência dessas mulheres, como participam das várias atividades que acontecem no acampamento, bem como sua organização.

Todas as conquistas partem da persistência e resistência das lutas diárias que fazem parte de ações dos movimentos sociais, que constituem um meio para construir uma sociedade mais igualitária. Neste cenário o papel da mulher se torna fundamental. Nesta inserção no movimento social é que a liberdade de pensar a partir de sua consciência em prol de uma educação emancipadora e ao seu entorno, destaca-se a sua importância na formação de pessoas e de novas comunidades. “Somos povos novos ainda na luta para nos fazermos a nós mesmos como um gênero humano que nunca existiu antes. Tarefa muito mais difícil e penosa, mas também muito mais bela e desafiante” (DICIONÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2012, p. 454).

Conhecer o povo brasileiro e antes de tudo situá-lo em um determinado tempo e lugar, portanto estamos ainda em processo de formação e criando identidades de luta e conquistas, assim é o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) um movimento que luta pela reforma agrária e seus direitos. Onde famílias se unem com os mesmos objetivos e na coletividade lutam com todas as forças, lutas sangrentas, que buscam liberdade e construção de uma sociedade mais igualitária.

É neste contexto de luta que esta pesquisa procura um espaço para descrever o papel da mulher e sua identidade, buscando compreender o perfil que lhe define a identidade com o movimento, destacando e ressaltando sua importância dentro do movimento, sua imagem associada com a luta, com o trabalho e com a vida.

Essa identidade está mais forte quando associada ao espaço físico em que se está inserido, e o espaço de luta em que isso se torna mais relevante é o acampamento, espaço de luta e resistência, onde se torna possível pressionar os governos para realização da Reforma Agrária. Esses espaços são ocupações de terra ou em lugares preparados para essas ações, e são organizados por uma base de trabalho com famílias que demonstram publicamente seus objetivos de conquista da terra. No acampamento as famílias enfrentam várias dificuldades em relação à moradia e à condição de vida que estão dispostos a enfrentar.

Sobre o que é a Reforma Agrária e suas tipologias, o Brasil não realizou historicamente esse processo, e por isso as ocorrências de concentração de propriedade de terra só aumentam, seguindo a lógica de acumulação do capital, e que segundo estudos e pesquisas de autores marxistas como Stédile (2012) e BOGO (2010), esse acúmulo é maior agora do que em 1920 após o fim da escravidão. No regime militar se priorizou a distribuição de terra aos grandes fazendeiros, no período seguinte com a democratização, surgem os movimentos sociais (1984-1985), mas que não geram força política suficiente para implementar a Reforma Agrária, que continua entendida como desapropriação de terra. Mas as conquistas por reforma agrária no Brasil comprovam que grandes propriedades improdutivas podem desempenhar um papel social entre os camponeses sem terra, gerando emprego e promovendo uma solução para a desigualdade social. (DICIONÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2012, p. 663)

A luta pela terra parte de uma coletividade, e assim o papel da mulher enquanto militante e atuante no MST colaboram ativamente para este processo, a partir de formações específicas, construções coletivas, divisões de trabalho e a atuação dela no processo educacional nos diversos setores que envolvem as políticas de educação e na sua identificação como ser social, diferente com o que habitualmente conhecemos, e, portanto com

características específicas, contextualizadas através de alguns questionamentos como: o que a inspirou ou levou-a a integrar-se ao movimento? O que ela espera dessa luta além da terra? Como ela percebe a educação como meio ou fim para sua vida e a dos demais? Como mulher o que mudou na sua história a partir de suas escolhas e as dificuldades encontradas? Como ela vê a educação dentro do movimento e o que ela espera como educadora?

A mulher encontra-se como parte dessa luta social e com a mesma identidade que o grupo adquire, ou seja, sua identidade se confunde com o coletivo, mas com suas atribuições próprias, a luta se torna igual, porém seu papel como mulher continua junto com a luta.

O papel da mulher na luta pela terra se contradiz com os modelos que a sociedade está acostumada, a mulher militante constrói sua identidade coletivamente nas ações de solidariedade, na educação das crianças e no bem estar de todos, tecendo assim a história do seu tempo.

Como militante ela educa para a luta, participa de todas as atividades que envolvem a massa, sendo política sabe lidar com as emoções, ela tem consciência do seu lugar, da cultura e combate o preconceito e as exclusões duramente (BOGO, 2010, p.179-192).

E sua decisão de se disciplinar para as ações que buscam um objetivo principal coletivamente e ao mesmo tempo particular, demonstra as características da militância e seu entendimento enquanto ser humano, seja fora ou dentro do movimento.

A identidade é construída a partir do momento que ela decide confiar em si e na organização do coletivo, é caminhar lado a lado com o esposo, companheiro ou somente os filhos, além de suas atribuições como mãe, trabalhadora, esposa e militante. As diretrizes que formam suas relações sociais estão interligadas com o modo como se educam e reeducam para a luta.

Os momentos de formação permitem uma socialização e unidade do coletivo, mulheres, homens, crianças, adolescentes e jovens, participam juntamente na construção de projetos que criam uma nova realidade de sociedade. A realidade da mulher em entorno de sua “natureza feminina” é marcada por submissão e invisibilidade, mas aos poucos esta realidade vem

sendo substituída por seu trabalho e sua participação ativa nos movimentos sociais que buscam liberdade e autonomia.

No Acampamento existe um grande número de mulheres autônomas com ou sem filhos, e com seus companheiros ou maridos dividem os afazeres domésticos sem distinção de sexo ou idade, todos realizam os serviços. Por meio dos relatos poderá ser confirmada ou não essas suposições. Dentro do Acampamento, acontece essa igualdade de serviços? Ou ainda ela acumula sua jornada de trabalho? Esses questionamentos deverão mostrar como é a luta de classes, de gênero e de vida.

O papel da mulher sempre esteve associado à submissão e a invisibilidade nos papéis sexuais onde prevalece a desigualdade e o machismo, mas quando associada ao movimento social todas as tarefas são distribuídas e realizadas por todos, compartilhadas com o coletivo, no companheirismo.

Todos têm a possibilidade de formação através de estudos que promovem o conhecimento e as habilidades para a militância e assim a organização se fortalece e o trabalho coletivo e podendo dividir as tarefas conforme as habilidades de cada um, todos podem ser dirigentes e devem estar preparados seja homem ou mulher. (RIBEIRO, 2004).

O MST estrutura-se de forma horizontal onde valoriza todas as formas de organização de base e funcionam em círculo, todos os membros são importantes, bem como o nível de consciência para organizar os núcleos os coordenadores são uma mulher e um homem, ou seja, exercitar a verdadeira democracia. (SETOR DE FORMAÇÃO - MST, 2005).

A partir das formações é que definem os trabalhos e as competências para realizá-los e, portanto, mobiliza muitos militantes na sua consciência para o novo sujeito social que está em construção para isso todos são envolvidos no processo, as tarefas são distribuídas conforme a capacidade e qualidades individuais. O militante compreende que a formação é para tarefas imediatas e para longo prazo e parte dela passa pela educação formal.

Educar a partir da diversidade, do cotidiano, o militante aprende a lidar com as emoções, da cultura, das pessoas e combater o preconceito e as exclusões, lutar pelo seu espaço, valorizando o conhecimento e a cultura e vendo no ser humano a razão e a emoção interligadas (BOGO, 2010, p.189).

Neste contexto é que a militante se identifica, em busca de seu sonho, percebe que através da sua realidade e do conhecimento compartilhado, do trabalho coletivo, também estão intimamente ligados. Um dos objetivos das formações é educar para uma nova sociedade, mais ética e moral superando questões da educação tradicional e educando em todas as dimensões humanas. (DALMAGRO, 2012, p.43-77).

Lutando igualmente por seu espaço, independente da sua formação escolar, as mulheres falam a mesma língua, e que não é só a escola que forma, mas na luta coletiva, no trabalho e na organização social do Movimento.

A pesquisa proporcionará voz a essas mulheres através de relatos e experiências de vida, a análise da realidade em que estão inseridas, porém não na sua totalidade, pois ainda estão em processo construtivo, observando suas ações para construção de uma nova sociedade, seus anseios, preocupações, tristezas e alegrias, revelar suas motivações, a mulher do Acampamento Herdeiros da Terra constrói sua identidade como militante e educadora.

1.1 Objetivo geral

Analisar o por meio de relatos e experiências o perfil da mulher do Acampamento Herdeiros da Terra, como ela constrói sua identidade e sua militância no papel de educadora.

1.2 Objetivos específicos

a) Definir os conceitos a serem utilizados na análise dos processos que contribuem para a formação da identidade da mulher militante e educadora no Acampamento;

c) Relatar experiências de vida das mulheres do Acampamento, bem como suas trajetórias de vida e luta;

d) Descrever o processo de formação da identidade da mulher criada pelo movimento a partir de suas histórias e relatos.

1.3 Metodologia

A pesquisa procura através de relatos e experiências formular um perfil da luta e da identidade da mulher do Acampamento Herdeiros da Terra. Para isso algumas mulheres selecionadas pela sua participação ativa no movimento e no setor de educação do acampamento contarão o que as levaram entrar no movimento e encarar as dificuldades. Essa pesquisa foi realizada no Acampamento Herdeiros da Terra, localizado entre os municípios de Rio Bonito do Iguaçu e Quedas do Iguaçu, é de natureza qualitativa, ou seja, através de minha vivência na Escola e dos relatos de três mulheres, compreender a atuação e a participação delas na organização do Acampamento e na formação enquanto militante, suas atividades organizacionais, e principalmente suas atuações na educação bem como suas expectativas sobre a vida.

Essas histórias muitas vezes invisíveis, mas carregadas de sentidos e vida são relatadas através de suas próprias palavras, suas trajetórias pessoais sendo narradas e aproximando a realidade por elas vivida, assim é a história de vida, permitir a essas mulheres descrever suas experiências refletindo sobre aspectos particulares ser analisados para construir sua identidade.

Para essa construção serão considerados os relatos gravados de três mulheres que integram o movimento, acampadas e que atuam no setor de educação, além dos registros escritos na escola, inventário e documentos do MST, questionário elaborado para ser gravado, experiências vivenciadas e observadas no dia a dia das atividades na Escola Itinerante Herdeiros do Saber, formações específicas relacionadas a formação humana, com metodologias próprias, conversas com o coletivo entre outros.

A partir de experiência como docente na Escola Itinerante Herdeiros do Saber, da participação de grupos de formação pedagógica (Ciclos de Formação Humana na Escola) e dos relatos gravados de mulheres que atuam ativamente na organização do acampamento e também no setor educacional, registros feitos na escola através do inventário construído coletivamente, além das experiências descritas relacionarem com a luta e a perseverança diante das dificuldades enfrentadas como, por exemplo, a precariedade em relação a moradia e as necessidades básicas de vida.

A monografia está dividida em três partes, para melhor organização do texto: o item (1) é a Introdução, o item (2) trata da descrição dos principais conceitos do referencial teórico: identidade, gênero e educação do campo e da descrição do Acampamento; o item (3) apresenta os relatos de histórias de vida das mulheres, educadoras em relação à organização do Acampamento, à militância no Coletivo de Mulheres e as percepções de mudanças de sociedade, a construção da identidade, o seu reconhecimento enquanto gênero e de mulher a partir da condição de acampada.

2 PRINCIPAIS CONCEITOS UTILIZADOS NESTE ESTUDO

2.1 O conceito de gênero

A cultura é o que dá sentido às atividades humanas, quando falamos sobre as diferenças entre homens e mulheres o que está se querendo dizer é a igualdade sem hierarquia, sem ambiguidade, ou seja, um respeito às diferenças, sendo outra face da identidade. O sujeito constituído em gênero e também em classe social, em raça ou etnia são representações do real, das práticas sociais, Lauretis (1994) afirma que o gênero representa o real, representa as práticas sociais opostas ao sujeito e suas relações são construídas de dentro e fora do gênero, dentro e fora da representação do masculino e feminino e também normatiza as relações sociais, que é diferenciada.

Uma sociedade em que as contradições são estabelecidas em três categorias: gênero, étnico racial e entre classes, essas diferenças de qualidades é que formam a cultura, portanto, o que constrói uma sociedade menos desigual é a união entre os diferentes sujeitos sociais, ou seja, como diz Scott, “a política constrói o gênero e o gênero constrói a política” (SCOTT apud SAFFIOTI, 1994, p. 280).

A partir do gênero é possível explicar os diferentes fatores culturais passados de geração à geração e que define os comportamentos desiguais na sociedade, e pode ser modificado através dos movimentos das mulheres na luta contra as desigualdades, apesar das diferenças biológicas (KNAPIK, 2005, p. 13-17).

A busca de uma igualdade entre os sexos incentivou essa questão de estudo de gênero por parte dos movimentos feministas e pela crescente participação das mulheres em atividades antes direcionadas aos homens, mas que ainda sofrem a opressão masculina, por serem simplesmente mulheres. (PISCITELLI, 2002, p.4).

A opressão da mulher está, portanto, ligada às relações sociais, entre ser homem e ser mulher e a crescente participação das mulheres do campo permite a promoção e implementação da igualdade de gênero, mas que também levanta outra questão: Igualdade civil, política e social ou exaltar a

diferença? Bom o que ela espera é uma reconhecimento do seu trabalho, visto que ela além de educadora também é agricultora, pela sua experiência de vida e independência procura na diferença a igualdade de direitos. A igualdade que se propõe não é a eliminação da diferença, mas reconhecer a diferença na política da igualdade (BONI et all, 2017, p. 3).

Quando falamos em gênero podemos pensar em várias categorias distintas, por exemplo: filmes, textos, estilos, épocas, etc., no entanto o que será importante neste trabalho é a classificação de pessoas na sociedade, ou seja, o sexo feminino e o sexo masculino, e especificamente o gênero feminino.

A construção social aborda o termo gênero em diferentes concepções em relação às condições das mulheres na sociedade, e a partir desta concepção o que diferencia as mulheres dos homens são as desigualdades sociais impostas ao sexo masculino ou feminino. E assim o uso da palavra gênero atribuído pelos movimentos sociais é tratado como “produção social”, transmitida através de gerações. Neste sentido, compreende-se que o conceito de gênero está nos sistemas culturais, há uma dualidade que limita as características de cada gênero a partir do nascimento, mas que muitas vezes não são coerentes, pois cada um se comporta conforme suas experiências de vida e seu entorno, e com isso revela as diferentes posições ocupadas por mulheres e homens em contextos sociais diferentes.

As diferenças entre masculino e feminino, entre ser homem e ser mulher, é que definem a hierarquia dos trabalhos que são comuns aos homens ou as mulheres, e baseiam-se nas experiências vividas e é essa questão que queremos ressaltar, o trabalho por um e outro, e que, portanto, os espaços por eles experimentados e suas posições sociais que vão caracterizar o gênero (DICIONÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2012, p.355).

No Brasil a luta por direitos de cidadania de mulheres contra exploração vem de longa data, mas a partir de 1970 é que a luta começou a tomar forma e dimensão que possibilitasse a igualdade de tratamento num contexto machista em relação a divisão sexual do trabalho e que promovesse o reconhecimento e a transformação social e cultural dos costumes enraizados. Através do estudo e análise do gênero é que poderemos explicar e definir os comportamentos que se referem ao masculino e ao feminino, e que pode ser modificado e este é o objetivo dos movimentos de mulheres, protagonizar a

participação das mulheres na política e na sociedade. Neste sentido as áreas de assentamentos e acampamentos são espaços de trabalho e formação de mulheres que lutam lado a lado em defesa da vida e na luta por seus direitos, “a libertação das mulheres trabalhadoras de qualquer tipo de opressão e discriminação”. (DICIONÁRIO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2012, p.482).

A experiência de sociabilidade das mulheres nesses espaços vem permitindo contextualizar a realidade concreta e deixar visível a construção do gênero, pois vivenciam práticas que rompem com parte das desigualdades entre homens e mulheres e que gera essa consciência de diferença, mas em igual capacidade, sua formação, o seu papel na luta pela terra e pela sua independência.

A participação ativa das mulheres nos sindicatos, movimentos e nas organizações de mulheres trabalhadoras rurais, promoveu o reconhecimento e a valorização da luta contra qualquer tipo de discriminação. Além disso, através do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) criaram uma identidade educativa e comprometida com a liberdade, com uma educação popular emancipatória, com projeto de agricultura camponesa baseada nos valores populares (MMC, 2004, p.2).

Conforme Mariano (2012), “a questão de gênero trás a luz para as diferentes posições ocupadas por homens e mulheres nos diversos espaços sociais”. (DICIONÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2012, p. 355). Neste sentido, as mulheres lutam pela terra igualmente, pertencem à mesma classe de trabalhadores e trabalhadoras camponesas, sendo uma das características da sua identidade. Ao fazerem isto, lutam pela igualdade de gênero, conservando assim suas diferenças.

2.2 Alguns apontamentos sobre o conceito de identidade

Segundo Stuart Hall (2011) a questão sobre crise de identidade é referente à parte de um processo de ampla mudança nas estruturas sociais modernas. A partir destas questões sobre essa crise o que interessa são as identidades culturais e aos pertencimentos a culturas étnicas, raciais linguísticas religiosas e nacionais na modernidade. Para este autor, as transformações da sociedade moderna acabam por fragmentar aspectos

sociais, culturais, gênero, etnias, sexualidade e nacionalidade, o sujeito então perde sua estabilidade, constituindo assim uma “crise de identidade”, devido às transformações próprias da modernidade. (HALL, 2011, p. 8-10).

Stuart Hall (2011) identifica três concepções de identidade diferentes sendo elas: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno, o primeiro dotado de razão, individualista, o segundo é formado na interação do eu com a sociedade, o terceiro é no caso o produto das mudanças estruturais e institucionais provisórias e variáveis é definida historicamente, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos.

Para Hall a identidade está diretamente ligada a uma crise e consequentemente ligada a uma experiência de mudança.

A partir do Iluminismo o indivíduo é baseado numa concepção de pessoa humana como centro, unificado, portador de razão, porém muito individualista, neste contexto o sujeito sociológico é a relação dele com os outros, interação entre o eu a sociedade. (HALL, 2011, p.32).

Hall afirma ainda que,

as identidades, no entanto, não são permanentes, mas variáveis, móveis, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos e as sociedades de mudanças direcionam o indivíduo nestas mudanças, ou seja, as identidades são posições variantes em diferentes sociedades. (HALL, 2011, p.18).

A questão das identidades e das mudanças permite um pluralismo de identidades, sendo contraditórias tanto fora como dentro de grupos políticos e esses de certa forma fraturados a partir de rivalidades definidas então por novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, entre outros, as mudanças então acabam por definir a identidade a partir de uma política de “diferença”. (HALL, 2011, p. 32-44).

2.3 Com se pode definir o conceito de Educação do Campo

“Os homens se educam em comunhão, mediados pelo mundo.” (FREIRE, 1987, p. 69). A educação do campo procura costurar a vida do homem e da mulher do campo, e tem como objetivo principal resgatar a cultura e os valores que fazem parte do cotidiano do sujeito do campo.

Segundo Caldart (2012), no intuito de transformar a realidade a Educação do Campo tem como um dos objetivos construir políticas públicas,

educação e formação humana, que considere as experiências de lutas e de combate ao êxodo. Possibilitado uma nova consciência de mudança através de políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação e ao acesso a escola e uma educação que seja do e no campo, que reconheça através das lutas as necessidades de cada grupo social, suas especificidades, suas diversidades em relação aos sujeitos e a perspectiva emancipatória que elas propõem resgatar as riquezas culturais, sociais e humanas de seus sujeitos com o objetivo de superar as relações sociais capitalistas. (CALDART, 2012, p. 262).

A Educação do Campo para Caldart (2012) nasce das práticas, das lutas e desafios que vão além do presente, construção do sujeito do futuro, um pensar pedagógico, um olhar que envolve tudo a sua volta, uma formação e valorização contínua de seus educadores, considerados sujeitos fundamentais neste processo emancipatório, essencial para a formação humana (CALDART, 2012, p. 263).

Paulo Freire (1987) aproxima sua teoria pedagógica para os movimentos sociais, ou seja, uma Pedagogia do Oprimido e tem relação com as experiências sociais, de cultura e emancipação, assim: “uma educação problematizadora exige que a superação da contradição educador-educandos, e serve para a libertação, ou seja, os conhecimentos e os valores promovem uma educação libertadora”. (FREIRE, 1987, p. 68).

A pedagogia do Movimento (MST) primeiramente parte das reflexões acerca do trabalho de educação e no processo formativo do sujeito, no sentido mais humanizado, a educação deve ser pensada e refletida criticamente por ele mesmo, o movimento, e neste sentido é que a transformação social vai se construindo, O ser humano se forma transformando-se ao transformar o mundo, assim a intenção da organização coletiva é também uma forma de educar, pensar antes de agir, e neste processo o educador principal é o próprio movimento através da coletividade. (DICIONÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2012, p. 546).

3 COMPREENDENDO OS PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHER “ACAMPADA” E “EDUCADORA”

3.1 O Movimento e o perfil das entrevistadas

Os Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra é um movimento que reúne diferentes categorias de camponeses pobres, e a sua luta gira em torno de três objetivos principais: a luta pela terra, pela Reforma Agrária e por mudanças na agricultura brasileira.

A partir da ocupação dos espaços territoriais e da sua organização distribuídas em vários setores de atuação, entre eles, o da educação, no qual promove uma educação específica com uma proposta pedagógica que seja um pilar para a luta pela terra e para uma nova sociedade, preocupada com a formação integral do ser humano.

Neste contexto é que a mulher educadora se percebe como sujeito transformador da realidade e se reconhece como ser social que através do seu trabalho não depende do homem, é um ser completo, com sonhos e metas que luta para alcançar e seu entorno lhe possibilita levar seus filhos, ter apoio, enfim, quando “ela educa é também educada” (FREIRE, 1987 p.69).

Sobre o processo de educar e se educar no coletivo, Bogo (2010) afirma que os “trabalhadores Sem Terra” quando acampados levam tudo o que possuem, nada fica para trás, suas cicatrizes e uma consciência de mudança passam a educar e identificar os sujeitos através da sua organização, desse modo compreendem que sua identidade é construída na coletividade, renunciam o mundo exterior e vivem agora em comunidade, homens, mulheres, jovens e crianças. (BOGO, 2010, p.147-149).

A Educação do Campo promove uma consciência de mudança que surge das experiências dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, a identidade se mistura à realidade em que estão inseridos, “a escola faz parte da luta, ela promove e se articula com a luta e resistência”, são os mesmos sujeitos que trabalham na terra e se organizam, que lutam por políticas educacionais. (CALDART, 2012, p. 257).

Tendo em vista o papel fundamental da mulher na sociedade moderna e suas conquistas nas últimas décadas, suas lutas a tornaram mais forte e

resistente, como resultado desse processo que vai contra uma sociedade machista, ela levanta uma bandeira em prol de sua libertação, em busca de uma sociedade mais igualitária o perfil da mulher que luta por direitos por seu espaço e liberdade, essas características que formam a identidade.

O perfil que adquiriu a mulher a partir de sua participação nos movimentos sociais engloba valores maiores que simplesmente sua vida, ela luta por todas, fazendo parte de uma parcela da sociedade excluída de seus direitos fundamentais, a fez perceber que através de uma educação e de seu trabalho ser inserida em um movimento de mulheres que buscam por seus direitos, por modelos de agricultura, pela Reforma Agrária e formação política que visam novas relações sociais, menos opressoras, mais igualitárias e, portanto, apresenta algumas características que as diferem das demais, e são essas características que serão levantadas através dos seguintes questionamentos e relatos descritos neste item da pesquisa de campo.

A entrevistada M1, 26 anos, solteira, mãe de uma menina, concluiu o Ensino Médio, natural de Sulina, PR, trabalhava em casa de parentes no Assentamento, era integrante do setor de educação, mas no momento só participa das formações, pois tem a filha pequena, e sua perspectiva é dar um futuro melhor para a filha.

A segunda, M2, 42 anos, mãe de três filhos, casada, cursando o ensino superior em Educação do Campo, natural do município de São João, PR, mas morava e trabalhava em Cascavel, PR, trabalhava em uma fábrica de doces de dia e a noite em uma pizzaria, quando veio para o acampamento se inseriu na escola e começou a trabalhar, pois tinha o magistério e assim podia contribuir, como é filha de assentados decidiu vir para o acampamento, trabalhou com os anos iniciais desde 2014 e no momento com o Ensino Médio.

A terceira M3, 30 anos, mãe de uma menina de 1 ano, possui ensino superior em Educação do Campo, natural de Chopinzinho, PR, filha de assentados, antes de vir para o acampamento trabalhava no Colégio base Iraci Salete Strozak, no Assentamento Marcos Freire, Rio Bonito do Iguaçu - PR, sua motivação é devido a família ser assentados, trabalha a mais de quatro anos como educadora.

A trajetória de vida de cada entrevistada confirma a sua motivação em estarem no Acampamento, às necessidades que passou na infância e depois as mudanças decorrentes do assentamento de seus pais (Reforma Agrária) o sonho pela terra concretizados, era só trabalhar, muita fartura, casa boa, etc. mas os filhos saem de casa, o que é natural, com a esperança de melhorar, no entanto as experiências da maioria não são satisfatórias, as decepções são muitas, sentem na pele a exploração do sistema capitalista, tão combatido pelos movimentos sociais, falta de liberdade, tempo, qualidade de vida, foi o que motivou a entrar na luta, a mudar drasticamente de vida e trabalho.

A tua família já era acampada aqui, você tem família de assentados?

O meu pai foi assentado acho que uns trinta e cinco anos, mais ou menos na Fazenda Xagu em Nova Laranjeiras, então desde criança eu tinha oito anos ou nove anos quando meu pai, minha família foi assentada, foi uma transformação de vida, porque a gente morava em Dois vizinhos, éramos uma família de cinco ou seis filhos, a gente era muito pobre, numa condição de vida muito difícil, meu trabalhava de arrendatário, morava na terra dos outros, ai a gente pegou sete alqueire de terra, ali muito boa a terra, o governo mandou bastante recursos naquela época em dinheiro, meu pai fez casa, comprou junta de boi, comprou trilhadeira, comprou as coisa pra dentro de casa, (...) o que o MST fez por nós naquela época não tem como descrever, a gente passava fome, um dia tava aqui outro ali, não a reforma agrária na nossa vida permitiu que a gente fixasse as raízes e dali meu pai hoje está muito bem, muito bem financeiramente e graças ao MST, porque se tivesse trabalhando lá de arrendatário hoje numa terra e amanhã noutra como a gente vai comprar um lugar pra você viver, (...) isso como exemplo, depois que expectativa você tem de morar na cidade, apesar que eu consegui comprar uma casinha lá num bairro bem afastado, tava trabalhando para reformar, tava tudo em meia viagem, sem acabar ainda, larguei lá, foi muito difícil, mas porque eu vi a transformação que meus pais tiveram, e eu quero isso pra mim, eu gosto de trabalhar na terra, isso aqui é minha vida, eu acho que trabalhar na terra você é livre, você tem a tua liberdade pra fazer o teu horário, muitas vezes lá na fábrica você trabalha escorada na mesa, de doente, gripado, se você trabalha pra você, é lógico que não vai deixar de tirar o leite hoje, mas se tiver chovendo se estiver muito frio claro você tem a liberdade pra ficar um pouco mais de tempo na cama, mas você vai fazer o seu horário, eu acho que é uma forma de libertação. (M2).

A experiência de quem já passou pelo processo de acampamento, mesmo quando criança, deixou marcas de resistência, de que a luta não é em vão, e que as precariedades do acampamento valem a pena, a organização, as formações, elas viram a mudança na vida de seus pais, o que a Reforma Agrária promoveu nas famílias, e como elas estão agora, essa é uma das razões pelas quais elas erguem a cabeça e seguem em frente.

3.2 A organização do Acampamento como aprendizado para a igualdade de gênero

A partir do relato da M1, é possível perceber que no acampamento prevalecem as regras e normas que todos devem seguir, a questão sobre o respeito à mulher, segundo ela caso aconteça alguma situação de assédio ou desrespeito, o caso é analisado e pode ser questão da perda do registro da terra, ou sua inscrição no programa, pois no acampamento existe um grande número de mulheres sozinhas.

(...) aqui é [uma] sociedade que na visão de fora é totalmente diferente, mas aqui o respeito é acima de tudo, aqui até mais, o povo pensa bastante porque tem as regras pode prejudicar o cadastro, sim na verdade as regras são passadas desde o início, principalmente a questão do respeito, mesmo tem ai pra quem fazer alguma coisa contra a própria mulher, né uma conversa conforme for até expulsar do acampamento, (...). (M1).

(...) no grupo na verdade, a gente tem seguir aí a questão de participar das reuniões, se existir alguma tarefa até mesmo de carpir (...) no espaço coletivo, na questão da escola, nós temos participando, todas as mulheres, não só eu, guarita também normal, tiremo conforme a regra do grupo, a regra da guarita agora tá mudando um pouco, mas na verdade é geral para homem e mulher, não tem diferença é conforme o grupo é 12 horas de guarita, uma vez por mês, conforme o numero de pessoas que tem no grupo todos os cadastrados passam pelo mesmo processo, ninguém é prejudicado... carpidas coletivas, trabalhos coletivos, organização até um exemplo assim agora vai ter a festa da criança no espaço nós vamos participar também. (M1).

(...) aqui tem muita mulheres sozinhas com filho, são uma guerreira, tem muita gente que vive da bolsa família (...) com certeza muito válida, (...). (M1).

Sobre o trabalho e a organização coletiva, as ações que as mulheres colocam em prática é a do principio educativo em relação ao trabalho, ou seja, formam oficinas para socializar os conhecimentos sobre produção de alimentos para a família e que geram renda, como artesanatos e alimentos, portanto além do trabalho agrícola, a mulher também desenvolve outras atividades que ajudam aumentar a pouca renda que conseguem no acampamento. O trabalho no campo é bastante diversificado, e a mulher consegue se desenvolver em todos os aspectos, no entanto é importante frisar que o trabalho é a base da educação, é por ele que o homem se torna disciplinado e organizado, valorizar o trabalho, qualquer trabalho manual, traz alegria e educa o sentimento de coletividade é uma das formas de educar. (PISTRAK, 2000, p. 48).

(...) quase quatro anos de acampamento, quem tá aqui... nós fizemos um trabalho muito bom com as mulheres... agora nos fizemos formação pra mulher ter sua própria iniciativa até de como pensar porque a mulher é sempre reprimida ia pela cabeça do homem falamos sobre a questão do machismo da violência, trabalhos, agora elas tão partindo pra parte da produção mesmo pra própria independência na questão de panifícios, artesanatos, muito interessante (...). (M1).

Ao participar das formações ou de viagens as mulheres encontram alguns obstáculos em relação aos cuidados com os filhos, principalmente crianças pequenas ou de colo, neste sentido o Setor de Educação começou a pensar de que forma essas crianças pudessem ser atendidas enquanto seus pais estivessem nas reuniões e formações.

Pensando nessas mulheres e suas concepções de vida, para que não se sintam sozinhas e sem apoio, um olhar especial em relação às crianças e na sua educação, pois mesmo sendo um bebê, já é integrante do Movimento, essas crianças são consideradas militantes, assim surgiu a “Ciranda Infantil”, que é mais que brincadeiras, é uma prática pedagógica (RIBEIRO, 2004, p. 47).

O de Setor de Educação pensou nas crianças e na sua educação, e assim a “Ciranda Infantil” com a intenção de atender e promover a aprendizagem e a criatividade por meio de estratégias pedagógicas para dar apoio às mães, no entanto, ainda existe resistência por parte de algumas mulheres, pois tendem a acreditar reproduzir uma educação como foram criadas, no início a preocupação era com a mãe, mas depois a formação dessa criança foi sendo trabalhada respeitando os ciclos da comunidade, pois é uma educação infantil do campo (RIBEIRO, 2004, p.49).

(...) eu parei um pouco, mas tenho interesse de voltar para o coletivo, que eu parei de fazer parte da direção em si, daí deu uma sossegada que tira um pouco do tempo da vida da gente... minha filha era ...quando eu cheguei aqui agora ela fez seis ela, dia dois de outubro, era bem pequena, as vez a gente falhava bem com ela também, deixava ela pra participar das reuniões, sempre com alguém segurando com afeto (...). (M1).

Quando perguntadas sobre se o Movimento proporciona uma nova visão de relacionamentos e divisão do trabalho entre homens e mulheres no Acampamento, elas responderam:

(...) a questão de divisão de trabalho, quando você trabalha pro sistema capitalista lá numa fábrica você tem quem manda, o que vigia você trabalhando e aquele que faz, aqui não, a gente nós que pensamos o que nós vamos fazer, você vai pra roça ou trabalho em

casa você trabalha a partir daquilo que você determina, que a família inteira determina, não tem lá o marido que pensa e a mulher executa ou o pai e a mãe que pensa e o filho faz não, a família trabalha junto, então existe divisão do trabalho (...) porque daí a criança vai fazer o trabalho mais leve, você vai educar para o trabalho, eu não consigo fazer uma casa sozinha eu preciso da ajuda do meu marido, a gente vai lá os dois juntos um segura a tábua e o outro prega, não existe quem manda e quem faz, (...) existe sim um machismo muito enraizado, existe ainda porque é cultural, existe aqueles homens que não deixam a mulher sair pra estudar, não deixam sair pra cidade fazer uma compra, é normal, porque a gente vive numa sociedade que existe de tudo (...) eu pego minha moto saio de noite, vou pra mãe e volto, vou estudar fico lá trinta dias fora de casa e volto, no começo ele não gostava muito, mas agora tem que acostumar, porque quando ele vê que você não abre mão, que você tem que buscar seus sonhos. (M2).

Eu acredito que sim, na função que estou exercendo eu vejo...(...). (M3).

Quando perguntadas sobre que atitudes ou conceitos mudou a partir do momento em que decidiu entrar neste grupo, o Coletivo, no Acampamento, responderam:

Na verdade eu parei pra ter um pouco mais de tempo pra mim, porque eu não estudava, só trabalhava de dia e de noite, não tinha tempo pra estudar, eu estava assim meio animalizado, você se torna meio mecânico, aqui não, parei, eu já não queria vir, pro acampamento, vou ficar fazendo o quê o dia inteiro, não vou ficar parada dentro do barraco, não é isso minha vida, falei pro meu pai eu não vou! meu pai me disse vai lá, você tem magistério, pode contribuir se insere na escola, começa a contribuir, vai devagar, aí vim pra escola minha vida já transformou, comecei trabalhar na escola, aí fui apresentada pra Universidade Federal da Fronteira Sul, então a gente já fez o teste seletivo, passei, lugar bem bom, em nono lugar, e já me inseri, é difícil ficar trinta dias lá, fora de casa, deixar filho, marido, deixar casa o trabalho aqui (...) se você pensar é quase impossível, se não fosse o apoio do marido, do filho, da escola o MST me oportuniza muito isso, que outro lugar você teria disponibilidade pra ir lá, depois vir repor o trabalho, você ir lá buscar conhecimento, minha formação política pedagógica muito boa, (...) foi o MST me proporcionou, através da escola, porque você tem que estar estudando, se formando, buscando constantemente conhecimento pra você trabalhar na escola, e foi onde eu fui pela escola, porque quando eu vim me acampar eu queria terra, eu queria ser uma agricultora, hoje além de tá lutando pela terra, to lutando buscando o conhecimento, (...) acredito que a educação pode ela é transformadora, ela forma, o curso que eu participo, ele forma, tem formação omnilateral, ele forma em todos os sentidos, se eu quiser ser uma agricultora mas pelo menos vou ter conhecimento, né por mais que depois de formada se eu não for pra uma sala de aula decidi que vou só trabalhar no que é meu, pelo menos vou ter conhecimento, ter a mente mais aberta, não deixar ser oprimido, trabalho lá, mas com certa liberdade. (M1).

Não, a gente se considera assentado também, porque a gente chegou no assentamento a visão é outra, o processo é outro, como foi conquistada essa terra tem uma história, não tem como a gente negar, não tem como a gente negar, o assentamento consolidado, eu

me considero assentado, meus pais se consideram assentados também, não tem como negar, a vida da gente muda totalmente depois que cheguei no assentamento, agora enquanto acampamento tem incluído mais ainda essa perspectiva do trabalho, não só trabalho em busca de um salário, mas o trabalho como necessário pra vida, por exemplo nós enquanto educadores agora das séries iniciais, a gente foi até a metade do ano trabalhando como voluntário, se a gente visse o trabalho apenas como uma forma de ganhar um salário e nada mais a gente jamais faria isso, né, e nem estaria aqui, então a gente já vê o trabalho de uma forma diferente, a gente vê que a formação é importante pra nós, pras nossas crianças, “sem terrinhas” por isso que a gente fez todo um esforço de trabalhar voluntário praticamente quatro meses,(...) se agente não tivesse essa visão diferenciada... (M2).

A participação das mulheres no Acampamento tem demonstrado uma nova forma de consciência e participação social, sendo educadoras conseguem no trabalho unir os objetivos da luta, através de uma educação que vai além do espaço escola, os filhos também estão neste processo, eles sentem que fazem parte do movimento, e a Escola Itinerante está interligada com o projeto de vida, com o trabalho, e com a luta pela terra e pela Reforma Agrária.

O cuidado em atender as necessidades mais urgentes das mulheres é uma forma de luta, é uma forma de integrá-las como sujeitos constituídos de gênero, sem contradições, isto é, considerando iguais nas suas diferenças em relação ao homem, suas experiências ainda não são os ideais que almejam, mas estão escrevendo suas histórias. (SAFFIOTI, 1994, p. 278).

3.3 A mulher “educadora”

Através das várias etapas de formação que os educadores participam por meio do MST a Escola Itinerante mantém com a comunidade uma estreita relação, todos tem a possibilidade de aprender e se desenvolver, não há distinção, todos podem contribuir. Tem como uma das bases à pedagogia de Paulo Freire, que se refere a uma educação popular mais direcionada para os trabalhadores do campo, uma educação que reconhece a diversidade e a autonomia do sujeito do campo, assim o papel da mulher entre outros é educar para a liberdade superando as contradições de uma sociedade opressora.

Indagada sobre como vê à educação, se vê nesta a esperança e motivação para as contradições da vida, a resposta da entrevistada M3 foi.

De certa forma eu acredito que a educação ela contribui, não totalmente, mas ela pode, te dá condição de você enxergar a realidade pra você transformar essa realidade, é lógico que sozinha ela não vai transformar, mas ela contribui para que essa transformação aconteça, tem uma série de outros elementos que são agrupados junto com a luta, com as manifestações, com as políticas públicas, mas que a educação tem um papel fundamental. (M3).

Sobre como é ser mulher, mãe, educadora e militante, sem perder o lado da feminilidade, como é dar conta de tudo isso, M3 respondeu:

Eu acho um pouco difícil esse lado feminino, porque sempre fui assim mais, eu sempre fui a pessoa eu casei, separei, tive dois filhos, fiquei cinco anos sozinha, me casei de novo, casei de novo tive mais um filho, então eu nunca dependi de homem pra colocar comida dentro de casa, pra pagar minhas dívidas, né, eu tenho meu companheiro que me ajuda tá ali, que contribui, mas eu , assim, parece que eu sempre fiz o papel de homem em casa, aquilo que eu faço eu consigo conciliar e dar conta da minha vida, não sou muito de me organizar, me arrumar, e as vezes eu vou pra faculdade e parece que eu tenho só uma roupa, eu só usa essa, porque eu não dou muita importância pra essas coisas, sempre dei muito ênfase para o trabalho, mas eu sei qual é o meu papel na sociedade, ser uma boa professora, uma boa mãe, é isso aí. (M3).

As experiências relatadas confirmam que a organização para cumprir as tarefas no acampamento vão aos poucos tecendo a identidade das mulheres militantes que procuram no seu trabalho como educadora ser também educada, através das formações e do trabalho coletivo. A luta por seus objetivos depende de toda essa organização e seu comportamento como militante das ações concretas e, portanto, vão aos pouco construindo essa identidade superando as contradições da sociedade capitalista.

Como diz Bogo (2010) “a força de uma organização se localiza em dois polos: no nível de elaboração intelectual de sua militância e na capacidade de agir sobre a realidade” a militância se faz na prática baseada na teoria, portanto todo o trabalho educativo e formativo é que origina o militante. Saber lidar com as emoções e não se deixar alienar, um bom militante deve cuidar da cultura, das simbologias, da consciência daqueles que lutaram no passado. (BOGO, 2010, p. 188-192).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da identidade da mulher do acampamento passa por vários momentos: a formação, a divisão dos trabalhos, as reuniões, entre outras atividades, mas todos interligados. A luta pela terra e pela Reforma Agrária passa pela educação, ou seja, a educação é para a luta, para a vida, é coletiva e educativa, e a sua natureza acaba por se adaptar numa nova cultura, uma nova forma de se ver no mundo, mais liberdade, e ela se reconhece como sujeito da sua própria história, trabalhadora rural, camponesa percebe que a igualdade é também contraditória e é o que define o gênero.

As análises realizadas através dos conceitos, definições e relatos de vidas são conclusões superficiais não encerram a questão “Identidade da Mulher do Acampamento”, pois sendo ela educadora, mulher, militante, está em constante construção, como se diz em movimento, ser social, construtor da história, há vários outros pontos de vistas para serem observados.

A Educação do Campo expressa à luta de homens e mulheres, trabalhadores do campo, dos que são discriminados, excluídos da sociedade, sendo a mulher também é alvo de opressão e contradições reconhece na coletividade, no respeito e no diálogo a base para novas relações sociais, no movimento ela sente a força que possui para garantir seus direitos, compartilha o conhecimento, luta por seus direitos e dos outros, como educadora é consciente da responsabilidade em formar uma nova sociedade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 6ª reimpressão, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BOGO, Ademar. **Identidade e Luta de Classes**. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular. 2010. 264p.
- BONI, Valdete; MARQUES, Siomara A.; MOHR, Naira E. Roesler et all (Orgs). **Mulheres camponesas e a agroecologia**. Curitiba - PR, Editora CRV, 2017.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo. 4ª Ed. Expressão Popular, 2012. 448p.
- CAMINI, Isabela. **Escola Itinerante**. 1º Ed. São Paulo: Expressão Popular. 2009.
- DIOCIONÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**: Rio de Janeiro: 49º Edição Paz e Terra, 2005a.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- KNAPIK, Márcia Carneiro. **Movimento Popular de Mulheres no Paraná: 10 Anos Construindo Vida**. Curitiba, Editora Gráfica Popular: Cefuria, 2005. 226 p.
- PISCITELLI, A. G. Re-criando a categoria mulher? In: ALGRANTI, Leila Mezan (ORG.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002, v. 48. p. 7-42.
- PISTRAK. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Tradução Daniel Aarão Reis Filho. 1ª Edição. São Paulo, 2000.
- RIBEIRO, Suzana Lopes S.(org.). **Educação no MST Balanço 20 Anos**. Boletim da Educação, número 09- Dezembro de 2004. Gráfica e editora Peres.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. Conceituando do gênero (Posfácio) In: SAFFIOTI, Heleieth I. B.; MUÑOZ-VARGAS, Mônica. **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1994, p. 271-281.
- VENDRAMINI, Celia Regina; MACHADO, Ilma F.(org.). **Escola e Movimento Social: experiências em curso no campo brasileiro**. 1º edição. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 216p.

APÊNDICE 1

Roteiro de entrevistas:

- Casada? Solteira? Separada?
- Tem filhos? Quantos?
- Escolarização?
- Natural da onde?
- É professora/educadora há quanto tempo?
- O Movimento proporciona uma nova visão de relacionamentos e divisão do trabalho para um novo projeto de sociedade?
- O Movimento te proporciona uma nova visão de sociedade sobre trabalho e vida?
- Que atitudes ou conceitos você mulher mudou a partir do momento em que decidiu entrar neste grupo, no Acampamento?
- A tua família já era acampada aqui, você tem família de assentados?
- Você vê na **educação** a esperança e motivação para as contradições da vida?
- Como é ser mulher, mãe, educadora e militante, sem perder o lado feminino, como é dar conta de tudo isso?
- Há união entre as mulheres do acampamento?

APÊNDICE 2

Foto 1 - A Acampamento Herdeiros da Terra



Foto 2: A Escola Itinerante Herdeiros do Saber

